



As heterogeneidades enunciativas como aporte teórico-metodológico para a Análise do Discurso de linha francesa

Diana Pereira Coelho de Mesquita (UFU)
Ismael Ferreira Rosa (UFU)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar como as heterogeneidades enunciativas, propostas pela linguista Jacqueline Authier-Revuz, constituíram-se como importante aporte teórico-metodológico para o desenvolvimento da episteme da Análise do Discurso de linha francesa (AD), nos moldes em que a concebemos hoje. É nosso intuito perceber como a AD valeu-se desses conceitos revuzianos, analisando-os, discursivizando-os e ressignificando-os à luz dos seus pressupostos teóricos, de modo a construir uma teoria do discurso que reconhece a presença do Outro/outro no discurso e a heterogeneidade de vozes que atravessa os dizeres dos sujeitos enunciadoreis.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Heterogeneidades Enunciativas; Interdiscurso; Jacqueline Authier-Revuz; Michel Pêcheux.

Introdução

Graças à natureza complexa de seu objeto teórico e à formação do seu quadro epistemológico, cujos fundamentos relacionam-se à Linguística, ao Materialismo Histórico e à Psicanálise, a Análise do Discurso francesa (AD) configura-se como uma disciplina de natureza aberta, em contínua interlocução com outros campos do conhecimento.

Desta forma, ela estabelece interfaces com várias áreas do conhecimento. Pensando nisso, decidimos examinar as possibilidades de estabelecer uma interface específica com a teoria das heterogeneidades enunciativas, proposta pela linguista Authier-Revuz. Nosso propósito é realizar uma incursão teórica pelos escritos da referida autora, de modo a perceber em que medida seus conceitos foram afetados pelas reflexões teóricas da AD, ressignificados e deslocados a partir dessa relação.

Michel Pêcheux, precursor da AD, em sua obra *Análise automática do discurso* (1969), desenvolve vários conceitos fundamentais para o quadro teórico da AD, dentre eles o de discurso, condições de produção, formação discursiva (FD), formação imaginária. Entretanto, há de ressaltar que não houve nenhuma reflexão específica a respeito da natureza heterogênea do discurso, pois conforme o autor mesmo aponta em *A Análise de Discurso: três*

épocas, publicado em 1983, o processo de produção discursiva era “concebido como uma máquina autodeterminada e fechada em si mesma” e o ponto de partida para análise de dados, nessa primeira fase da AD, era “um *corpus* fechado de seqüências discursivas, selecionadas [...] num espaço discursivo supostamente dominado por *condições de produção* estáveis e homogêneas. (PÊCHEUX, 1993b, p. 311-312. Grifos do autor).

Foi na segunda fase da AD, em *Semântica e Discurso* (1975), que Pêcheux revisa alguns elementos do quadro teórico da AD, apresentados em 1969, e avança os primeiros esboços da noção de heterogeneidade do discurso, mediante a reelaboração da noção de FD, vista não mais como “um lugar estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (PÊCHEUX, 1993b, p. 314)¹; como também pela elaboração da noção de interdiscurso, introduzida para designar “o exterior específico” desta FD, “‘o todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997, p. 162).

Com isso, o referido autor reconhece que o discurso não constitui um bloco homogêneo, idêntico a si mesmo, uma vez que ele reproduz a contradição presente na FD da qual procede. A heterogeneidade, portanto, passa a caracterizar a formação discursiva, o que vai determinar a natureza heterogênea do discurso. Contudo, mesmo após o esfacelamento da maquinaria discursiva na terceira fase da AD, em que “o primado teórico do outro sobre o mesmo se acentua, empurrando até o limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural” (PÊCHEUX, 1993b, 315), o predecessor francês da teoria do discurso exterioriza algumas interrogações que pairavam sobre os escopos teórico-pragmáticos da então AD-3:

Se a análise de discurso se quer uma (nova) maneira de “ler” as materialidades escritas e orais, que relação nova ela deve construir entre a leitura, a interlocução, a memória e o pensamento? O que faz com que textos e seqüências orais venham, em tal momento preciso, entrecruzar-se, reunir-se ou dissociar-se? Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o *espaço de memória* de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições? Como tal *corpo interdiscursivo de traços* se inscreve através de uma língua, isto é, não somente por ela mas também nela? (PÊCHEUX, 1993b, 317. Grifos do autor)

Foi com a linguista Authier-Revuz (1990, 2004), mediante a noção de heterogeneidades enunciativas, que entrevemos esse funcionamento de elementos interdiscursivos pela e na língua, de maneira marcada e/ou opacizada. Foi na teoria enunciativo-linguística desta autora que a AD vislumbrou um aporte teórico-metodológico para a análise desse primado teórico do outro na discursividade produzida por e em materialidades linguísticas.

Em seu texto, *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*, Authier-Revuz (2004) confere a essa noção um maior desenvolvimento, mostrando que é justamente na concepção de interdiscurso proposta pela AD francesa, na teoria do sujeito construída pela psicanálise e nas noções de dialogismo e na polifonia, apresentadas por Mikhail Bakhtin, que se baseia para o alvitre do conceito de heterogeneidade enunciativa.

¹ Em *Remontemos de Foucault a Spinoza* (1977), Pêcheux também, retomando esse caráter heterogêneo das formações discursivas, comprova que no interior de uma FD coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas, cujas relações muitas vezes são contraditórias.

Para a referida autora um discurso quase nunca é homogêneo, pois “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). A reelaboração dos dizeres, que está na origem da constituição do dizer, é responsável pela heterogeneidade dos discursos e, ao se revelar de forma explícita na materialidade textual, é denominada heterogeneidade mostrada. Diferentemente da heterogeneidade constitutiva, ela seria a indicação na superfície do texto da presença de outros discursos, de outras vozes que não a do locutor. Nesse conjunto das formas de heterogeneidade mostrada, a linguista diferencia as formas marcadas (discurso direto, citação aspas, itálicos) das formas não marcadas (ironia, pastiche, discurso indireto livre, metáforas etc.). A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, é aquela que não aparece marcada linguisticamente no fio do discurso, o outro não aparece de forma explícita. Segundo Maingueneau (1997), este segundo tipo de heterogeneidade poderia ser cotejado com a noção de *interdiscurso*, corroborando que todo discurso é construído no processo de incorporação de outros discursos, pré-construídos, produzidos em seu exterior.

De acordo com a concepção de Authier-Revuz, as palavras não são exclusividade de um enunciador. Elas são sempre escolhidas levando-se em consideração as palavras de um *Outro*. Já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, modificando o seu sentido em função do momento, do uso e do lugar discursivo do enunciador. Essa percepção é fundamental para a Análise do discurso que tem na presença do *Outro* no discurso uma de suas características fundamentais.

Diante disso, apoiando-se na heterogeneidade explicitada por Authier-Revuz, a AD – especialmente em sua terceira fase – incorpora o pressuposto enunciativo-linguístico da autora da natureza heterogênea do discurso e refuta a concepção homogeneizante da discursividade, tendo em vista que a pesquisa revuziana foi citada pelo próprio Pêcheux em seu último texto (2006, p. 31), quando o analista do discurso se referiu a certas marcas de distância discursiva².

Sendo assim, no presente trabalho, a partir da concepção de heterogeneidade enunciativa proposta por Authier-Revuz (1990, 2004), temos por escopo analisar em que medida as discussões teóricas apontadas pela autora francesa contribuíram para a instauração do quadro teórico da Análise do Discurso francesa.

Tencionamos mostrar que não existe uma teoria do discurso que não demande dos atravessamentos e interpelações de outros campos do conhecimento. Queremos ressaltar que não estamos tutelando Jacqueline Authier-Revuz como analista do discurso, mas reconhecemos que sua teoria pode ser tomada como um instrumento para os estudos discursivos. Os conhecimentos linguísticos que ela propõe colaboram para a compreensão do processo enunciativo e as heterogeneidades constituem-se como modalidades de percepção linguística da análise discursiva dos *corpora*.

Cabe ainda destacar que as heterogeneidades não funcionam como categorias para se fazer uma análise discursiva, pois na própria episteme da AD não há como estabelecer categorias de análise, tendo em vista que cada *corpus* é único. Há regularidades que se instauram numa enunciação dentro de um *corpus* específico, e que podem ser analisadas mediante alguns pressupostos teórico-conceituais, mas não há como criar categorias de análise a serem usadas em todos os *corpora*, indistintamente.

² “Esses espaços [...] repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação, implicando o uso regulado de proposições lógicas [...] com interrogações disjuntivas [...] e, correlativamente, a recusa de certas marcas de distância discursiva do tipo [...], ‘dizendo mais propriamente’, etc.” (PÊCHEUX, 2006, p. 31)

1.0. Authier-Revuz: Dialogismo, Psicanálise e Análise do Discurso

A linguista Authier-Revuz vincula-se às Teorias da Enunciação de linha francesa e embrenha-se pelos vastos campos dos estudos sobre a complexidade enunciativa que se instaura no processo discursivo, incitando a discussão sobre a presença de um aspecto heterogêneo que é constitutivo do discurso (heterogeneidade constitutiva) e que se mostra marcado ou não em seu interior (heterogeneidade mostrada).

Conforme já adiantamos anteriormente, a autora fundamenta sua teoria sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso no interdiscurso, conceito-chave da AD, nos pressupostos dialógico-polifônicos de Bakhtin e na Psicanálise lacaniana, para compreender de que forma o discurso outro também faz parte e determina outros discursos. Nesse sentido, a estudiosa francesa trouxe para o campo das discussões sobre o discurso a noção de descentramento do sujeito pelo inconsciente e de sujeito determinado pelo inconsciente e pelo interdiscurso.

Com Bakhtin, ela concorda em rejeitar a concepção de discurso como algo monológico, ou seja, aquilo que pretende apagar, no fio do discurso, as marcas de um discurso outro. Desta forma, o discurso se produz em uma rede de significações que se constroem dialogicamente.

Portanto, o discurso não está isento do dialogismo, pois se assim o fosse, tenderia a ser uma verdade absoluta, que não deixaria transparecer nenhuma outra voz. Sozinho teria que deter o sentido de um objeto. Diante disso, o sentido não repousa sobre/ou em torno de apenas um núcleo. Ele constitui-se nas situações dialógicas onde a contradição e a multiplicidade semântica coabitam: “O sentido de um texto não está, pois, jamais pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis: pensa-se, evidentemente, na ‘leitura plural’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 26).

Para construir sua teoria sobre as heterogeneidades enunciativas, Authier-Revuz também desenvolve reflexões sobre o conceito de sujeito. Ela toma emprestada tal noção da Psicanálise que refuta a concepção de um sujeito que se constitui como fonte do dizer, um sujeito que controlaria suas palavras autônoma e conscientemente, um sujeito que teria total domínio das situações de comunicação. A linguista insere a noção de inconsciente em suas reflexões e, a partir daí, concebe o sujeito como atravessado e determinado pelo inconsciente que, dessarte, não tem controle sobre suas palavras. O sujeito deixa de ser centrado e passa a ser cindido, e o seu discurso se caracteriza pela imanente constituição heterogênea.

A autora toma para seu quadro teórico a noção de sujeito dividido e discursivamente heterogêneo,

Contrariamente à imagem de um sujeito “pleno”, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição [da Psicanálise] é a de uma *palavra heterogênea* que é o fato de um sujeito dividido (o que não significa nem desdobrado, nem compartimentado) (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 48-49. Grifos da autora).

São os atravessamentos de outros discursos que constituem seu dizer. Entretanto, o sujeito mantém a ilusão de ser fonte do seu discurso, de ser a causa primeira do que enuncia. Ele desconhece a determinação do inconsciente e do interdiscurso quando diz.

A consideração da ação do inconsciente como porta de acesso para outros discursos, permite conceber o discurso como um campo heterogêneo. Afinal, várias vozes podem ser ouvidas no mesmo discurso. Sobre isso, Authier-Revuz (2004, p. 61) diz que “a localização dos traços do discurso inconsciente na análise leva à afirmação de que *todo discurso é*

polifônico, consistindo o trabalho de análise em ouvir, *ao mesmo tempo*, as diferentes vozes, partes, registros da partitura ou da cacofonia do discurso”.

A linguista também recorre ao exterior teórico da Análise do discurso que destitui o sujeito do domínio de seu dizer e que apresenta a concepção de interdiscurso. Ela coloca que:

podemos nos apoiar em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer – ao modo da teoria do discurso e do interdiscurso enquanto lugar de constituição de um sentido que escapa a intencionalidade do sujeito, desenvolvida por Michel Pêcheux e, de forma central, da teoria elaborada por J. Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente - quer dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma não-coincidência consigo mesmo [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186).

O sujeito é dominado pelo interdiscurso e é clivado pelo inconsciente, num processo discursivo em que, tanto o interdiscurso quanto o inconsciente, constituem, de maneira determinante, o sujeito.

Dessa forma, tomando pontos do dialogismo, da Psicanálise e da Análise do Discurso e efeitos dessas teorias nos estudos da linguagem, Authier-Revuz promove deslocamentos e reformulações nas concepções de discurso e sujeito. Ela incita-nos a considerar a presença do *Outro* como forma necessária para que o discurso se construa.

Segundo Teixeira (2005), o apelo da linguista a esses exteriores – teoria bakhtiniana dialógica-polifônica da linguagem, o inconsciente lacaniano e o interdiscurso pecheutiano – justifica-se pelo fato de que ambos, em bases diferentes, questionam a imagem do locutor como fonte consciente de um sentido que ele traduz nas palavras de uma língua, e a própria noção de língua como instrumento de comunicação. A recorrência a esses dois campos epistemológicos exteriores à Linguística permite à autora articular uma teoria da heterogeneidade linguística a uma teoria do descentramento do sujeito.

O ponto nodal para a estudiosa francesa é a concepção de que a estrutura material da língua é que permite a escuta das ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso. Segundo Teixeira,

a linguagem é duplicada *numa outra cena* pela própria linguagem e isso se deixa surpreender na linearidade, através de rupturas, choques, desvios. O discurso não se reduz a um dizer explícito; ele traz em si mesmo o *peso de um Outro*, que ignoramos ou recusamos, cuja presença permanente emerge sob a forma da falha (TEIXEIRA, 2005, p. 150).

Michel Pêcheux e Authier-Revuz, cada um em seu campo epistemológico (AD e Linguística, respectivamente) nos mostram que a constituição do sujeito discursivo se realiza no entrecruzamento de diferentes discursos, ao negociar a identidade e a alteridade entre os atos conscientes e inconscientes no processo de construção discursiva. Assim, esse processo se dá mediante a articulação entre as marcas de heterogeneidade discursiva, como já adiantamos anteriormente: *mostrada* e *constitutiva*, categorias propostas por Authier-Revuz e que serão discutidas de forma mais pontual adiante.

2.0. Heterogeneidades Enunciativas

O princípio da heterogeneidade enunciativa parte do pressuposto de que a linguagem é heterogênea na sua constituição e, conseqüentemente, o discurso – dada sua materialidade ser de natureza linguística – também o é. E, para analisar o funcionamento dessa

heterogeneidade, Authier-Revuz propõe duas formas de heterogeneidade: a *constitutiva* e a *mostrada*. A primeira não se apresenta na organização linear do discurso, sua alteridade não é revelada, permanece no interdiscurso. A segunda, por sua vez, traz marcas da presença do outro na cadeia discursiva, assim, a alteridade se manifesta ao longo do discurso e pode ser analisada. A heterogeneidade mostrada pode ser *marcada* – da ordem da enunciação, e, portanto, perceptível na materialidade linguística (exemplos: discurso direto, palavras entre aspas) – e *não-marcada* - da ordem do discurso, sem visibilidade (exemplos: discurso indireto livre e ironia).

Em suma, a heterogeneidade constitutiva não aparece no fio do discurso, é constituída por meio da presença do *Outro*. Ela ocorre quando discurso é colocado em relação de alteridade, quando ele se constitui na e pela presença do *Outro*. A heterogeneidade, nessas circunstâncias, é colocada como condição para o discurso. Já a heterogeneidade mostrada revela a presença de outros discursos ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Refere-se, portanto, à presença do *Outro* no discurso, de maneira que tal presença pode ser localizada por meio da análise.

Observa-se, então, que, com Jacqueline Authier-Revuz, a questão do discurso passa a ser posta sob o signo da heterogeneidade e, para a AD, essa heterogeneidade se relaciona com o interdiscurso, o exterior constitutivo que dá condições para a construção dos discursos.

2.1 Heterogeneidade Mostrada

A heterogeneidade mostrada ocorre quando “No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz, um certo número de formas, lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o *outro*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.12). É o conjunto de formas que inscreve o *outro* na sequência do discurso e tal inscrição pode ocorrer de maneira marcada ou não-marcada.

A forma mais evidente de heterogeneidade mostrada é o discurso relatado – as formas sintáticas do discurso indireto e do discurso direto. Tais discursos designam no plano da frase, um outro ato de enunciação:

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada são explícitas e podem ser recuperadas no nível enunciativo, a partir de marcas linguísticas, que mostram a presença de uma outra voz. Dentre as formas marcadas, encontram-se o discurso direto, o discurso indireto, a modalização autonímica, a autonímia, as aspas, a glosa, o itálico e a entonação. As formas não-marcadas, por sua vez, são mais complexas, pois não estão explícitas e a heterogeneidade deve ser reconstituída a partir de diferentes índices – discurso indireto livre, ironia, antífrase, alusão, pastiche, imitação, metáforas, jogos de palavras, reminiscência.

No grupo das formas marcadas, há modos explícitos da presença do discurso do *outro* por meio de marcas na língua. No grupo das formas não-marcadas, essas marcas não são explícitas, não aparecem, cabendo, portanto, ao receptor o reconhecimento ou interpretação da presença de um outro discurso.

A importância dessa heterogeneidade mostrada é o fato de ela ser uma representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Vê-se que a heterogeneidade constitutiva e a mostrada são representantes de duas ordens distintas: a dos processos de constituição do discurso e a dos processos de representação dessa constituição no discurso.

A heterogeneidade mostrada marca o discurso com certas formas que criam o mecanismo de distância entre o sujeito e aquilo que ele diz. É uma negação que ocorre sob forma de *denegação*³. O sujeito tem a ilusão de que domina o discurso, de que faz escolhas intencionais, que tem o controle dos seus dizeres.

Nesse tipo de heterogeneidade a voz do *outro* fica explícita na superfície do texto, revelando-se a existência da alteridade dos discursos (formas marcadas). Outras vezes o elemento exterior é incluído no fluxo sintático do discurso, representando uma incerteza com relação à descoberta do *outro* (formas não-marcadas).

Enfim, a heterogeneidade mostrada inscreve o outro no enunciado, designado como objeto do discurso. Essa forma de exterioridade e a heterogeneidade constitutiva são indivisíveis, estão atreladas uma à outra.

Quando temos a certeza de que um determinado dizer não é nosso e queremos atribuí-lo à sua origem, sinalizamos aquele trecho do outro no nosso dizer por meio das formas marcadas da heterogeneidade mostrada e acreditamos que todo o restante do nosso discurso tem em nós sua procedência. Ao sinalizar o lugar de onde vem aquele dizer, esquecemos que não é só aquele que não é nosso, tudo – as palavras, os sentidos – é dialogicamente compartilhado. Quando deixamos à mostra o que é do outro e que o todo do discurso é nosso, fica aparente a heterogeneidade constitutiva.

Diante disso, o estudo das heterogeneidades torna-se fundamental porque por meio delas percebe-se que tanto o sujeito quanto o discurso são caracterizados por serem heterogêneos em sua constituição. Daí a importância desse estudo para o quadro teórico da Análise do Discurso, que concebe a presença do *Outro/outro* no discurso e reconhece a presença de outras vozes no processo de enunciação.

2.2 Heterogeneidade constitutiva

A heterogeneidade constitutiva é a presença do outro no discurso, mas não uma presença desvelada, mostrada, marcada, uma vez que ela é da ordem do inconsciente. Está no exterior, ou seja, no outro, que são os discursos construídos sócio-historicamente e que atravessam as enunciações do sujeito. Dessa forma, ela transcende a possibilidade de identificação/descrição dos elementos linguísticos, como o faz a heterogeneidade mostrada

A heterogeneidade constitutiva é assim chamada porque não há discurso que não seja constituído por ela, ou seja, não existe discurso que não esteja perpassado por inúmeros outros discursos, ou já-ditos. Authier-Revuz se apóia em Bakhtin e na Psicanálise, pois acredita que ambos questionam o locutor livre, que acredita que escolhe intencional e conscientemente suas palavras. Em consonância com a posição bakhtiniana e lacanianiana, ela reconhece não a existência de um locutor livre, mas a existência de sujeitos inscritos em discursos, que são atravessados incessantemente por outros discursos. Portanto, o sujeito não é o dono do seu dizer, ele não escolhe as palavras, apesar de ter a ilusão de que o faz.

³ Em nossa concepção, denegação é entendida como um mecanismo de defesa em que há a recusa do sujeito em reconhecer um determinado pensamento ou um desejo como seu, mesmo que tal desejo ou pensamento tenha sido expresso conscientemente em um momento/situação anterior.

Somente algo que já foi dito, que vem pela memória e por outros dizeres entra no campo do dizível. Assim, o sujeito não é senhor de suas palavras, pois as palavras são sempre as palavras de outros. No entanto, o sujeito pensa ter acesso ou controle sobre o modo como os sentidos nele são constituídos. O sujeito, portanto, “esquece” o *Outro* que diz anteriormente e cujo dizer ele retoma. Por isso seu dizer é constitutivamente heterogêneo.

A heterogeneidade constitutiva remete à presença do *Outro/outro*, diluída no discurso, como presença integrada pelas palavras do outro, e o sujeito desaparece para dar espaço a um discurso-outro.

Existem outras palavras, já ditas, incorporadas ao processo de produção de um discurso. Em um discurso, podem ser ouvidas outras vozes, vozes do *outro*. Esquecidas no inconsciente, são apreendidas por uma outra voz, fazem sentido em outras vozes em função de sua escolha no momento do uso.

Assim, a heterogeneidade constitutiva é aquela não localizável, na qual a presença do *outro* não é delimitada. O repertório cultural do interlocutor, dessa forma, é essencial para a construção de sentidos no discurso. Vale destacar que a heterogeneidade é constitutiva tanto do discurso quanto do sujeito, uma vez que não há discurso homogêneo, já que ele é também do outro.

Por isso, pensar a heterogeneidade constitutiva é pensar sobre a constituição do tecido discursivo. Afirmando o primado do *outro* no discurso – que corresponde ao preceito defendido pela terceira fase da AD.

3.0. Quem é o *Outro/outro*, afinal?

Reconhecemos que as heterogeneidades caracterizam o discurso, ou seja, o discurso é sempre o discurso do *outro*. As palavras nunca pertencem ao enunciador, são sempre as palavras dos *outros*. E, conseqüentemente, os sentidos também são atribuídos pelo *outro*. É uma relação dialógica, marcada pelas heterogeneidades enunciativas. O *Outro* vai aparecendo na superfície do discurso à medida que o sujeito negocia com a heterogeneidade que o constitui.

Sendo assim, *outro*, em contraste ao *Outro*, refere-se ao exterior que constitui o sujeito – vozes outras, sujeitos outros, discursos sócio-histórica e ideológico-culturalmente constituídos, anteriores e exteriores aos sujeitos – o social que o constitui. Ao passo que, o *Outro* (em maiúsculo) reporta-se ao inconsciente, às manifestações do desejo e injunções do inconsciente sob forma de linguagem.

Dessa forma, afora as heterogeneidades mostradas, especialmente as marcadas, muitas vezes não há a possibilidade de reconhecimento da presença do *Outro* na constituição do discurso. Os sujeitos-enunciadores não se dão conta de que se trata de uma alusão ou uma citação, por exemplo, e nem de que o interdiscurso pode emergir sem marcas da alteridade discursiva.

É clara a dependência entre dizeres. Há uma rede que se estabelece ao enunciar. Essa rede envolve não apenas o *outro*, mas também uma memória discursiva consolidada no decorrer das construções semânticas inseridas na esfera social. Assim, o locutor não é a fonte de seu dizer, pois o discurso é fundamentalmente heterogêneo. O *outro* passa a fazer parte do um, que já é constituído pelo *Outro*.

Todo discurso é dialógico, ou seja, é direcionado a um interlocutor. O sujeito, ao construir seu discurso, considera a figura do seu interlocutor. A compreensão desse *outro* faz parte ativamente da construção de todo discurso. Portanto, conforme Authier-Revuz (2004, p.

42), todo discurso é “compreendido nos termos do diálogo interno que instaura entre esse discurso e aquele próprio do receptor”.

Segundo Brait (2001, p. 07), a linguista “recupera o caminho bakhtiniano para a constituição de uma concepção de linguagem, em que dialogismo e polifonia são considerados os alicerces calcados num contexto de *Outro* discursivo, ideológico e interacional”. Essa concepção de linguagem estuda a multiplicidade de vozes presentes no discurso e das relações que entre elas se estabelecem.

Portanto, nos exteriores teóricos em que Authier-Revuz se apóia para a construção da sua teoria sobre o *outro/Outro*, estão o Dialogismo do Círculo de Bakhtin e a Psicanálise lacaniana. Ela recorre a essas duas correntes epistêmicas por trabalharem as concepções de sujeito, de sentido e de linguagem, a partir da concepção de *Outro*.

Por fim, podemos dizer que o discurso é heterogêneo na medida em que variam os gêneros discursivos, as vozes e os tipos sociais. É a voz do *outro* no discurso. Desta forma, não existe apenas um eu-enunciador e um meio que lhe é externo, a linguagem só acontece porque existe um “nós”. O sujeito se constitui à medida que existe esse *outro*, que é imprescindível na construção do nosso “eu”, por isso a linguagem deve ser concebida a partir de uma concepção dialógica. Nessa relação, o outro se projeta em mim e eu me projeto no outro.

4.0. Mais uma palavra sobre a interface: Análise do Discurso e Heterogeneidades Enunciativas

Por meio da noção de heterogeneidade discursiva, proposta por Jacqueline Authier-Revuz, a Análise do Discurso vislumbra um modo enunciativo-linguístico de analisar o primado do outro. A linguista francesa, mediante seus estudos, instaura um aporte teórico-metodológico que permite escrutinar as manifestações do interdiscurso não somente através da língua, como também as inscrições interdiscursivas por e nessa mesma língua.

Com a autora, implode-se a ideia de um discurso homogêneo e da estabilização dos conceitos de unidade do sujeito e unidade do texto presentes nos estudos tradicionais da linguagem. O discurso e o sujeito passam a ser vistos como heterogêneos em sua constituição, como já delineados na segunda fase da AD.

Por isso, a noção de heterogeneidade discursiva deve ser constantemente revisitada por outros campos dos estudos discursivos, como o faz a AD, pois se constitui um campo instigante e propício para constantes reflexões sobre o sujeito e o discurso, tendo em vista que o discurso é fundamentalmente heterogêneo e que o sujeito é dividido. O que pode ser observado quando falamos, uma vez que no processo de interlocução, instaura-se a polifonia oriunda do interdiscurso e também as injunções de nosso inconsciente.

A AD concebe o sujeito como atravessado pela linguagem e pela história e como tendo acesso apenas à parte do que diz. Desde a sua constituição, ele é dividido, pois está submetido à língua, à história e à ideologia. E se o sujeito não se submeter a essas forças, mesmo inconscientemente, ele não se constitui, por não produzir sentidos, por não se inscrever em um lugar discursivo, posicionar-se socioideologicamente, pois é somente nas vias das inscrições discursivas que um sujeito se (des)constrói. É no íterim de posicionamentos que marcam identificações e desidentificações às heterogeneidades constitutivas da linguagem que o sujeito se projeta, produzindo sentido. É no crivo de ideologias, dissimiladas pelo tecido do inconsciente, conforme alude Pêcheux (1997), que indivíduos se tornam sujeito, mediante sua inscrição nas práticas discursivas da linguagem.

Desta forma, cabe ao analista do discurso estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, a existência de efeitos de sentido condicionados por uma determinada ideologia e que estejam em determinadas condições histórico-sociais. Como um dos recursos para tal verifica-se a presença do *outro* na constituição de todo o processo discursivo. Sendo assim, nossa fala é preenchida com palavras de *outros*, em diferentes graus de alteridade.

A AD considera que a base dos processos discursivos é a linguagem, pois ela é mediação entre o sujeito e o seu entorno. Assim, um espaço social caracterizado pela disputa de forças antagônicas deixa marcas tanto na linguagem quanto no sujeito. É nesse sentido que os analistas do discurso concebem a linguagem como um lugar de conflito e opacidade que, com a conjunção da história, constitui um sujeito descentrado, dividido, incompleto. Daí a sua afinidade com as discussões teóricas de Authier-Revuz e de Bakhtin.

Importa ressaltar que uma formação discursiva coloca em jogo vários discursos. Não é possível, portanto, definir um dos discursos sem remeter a outro, o que faz com que o discurso se instaure numa perspectiva plurivalente de sentidos e de trocas. Tem-se, nesse caso, a voz daquele que o produziu e também as vozes daqueles que já o habitavam e de todos os outros que o habitarão. Observa-se, aí, uma relação de alteridade, onde o sentido constrói-se sempre na relação com o *outro*.

Essas relações de outricidade estudadas pelos analistas do discurso afinam-se proficuamente com a visão de Authier-Revuz, dando um tom discursivo às percepções enunciativo-linguísticas da autora, ou seja, deslocando esse *outro* para o interior da AD, mas um *outro* ressignificado, atravessado pelas concepções teóricas desse campo do conhecimento, em que o *outro/Outro*, reconfigurado pelos preceitos teóricos da AD, constitui-se o exterior que atravessa os discursos, os seja, outras vozes, outros dizeres, as condições sócio-históricas e ideológicas de produção dos discursos que perpassam e intrinam nas materialidades discursivas. Um *outro* que não se refere apenas a uma outra voz, mas a um conjunto de fatores, exteriores ao enunciador, mas que estão presentes no ato de sua enunciação.

Palavras Finais

Após as discussões apresentadas com relação às heterogeneidades propostas por Jacqueline Authier-Revuz (2004), encontramos-nos diante de algumas considerações importantes: i) Todo discurso é atravessado por outros discursos e o sentido vai decorrer desse entrecruzamento de vozes; ii) A análise da heterogeneidade constitutiva escapa à linguística, pois não há como reconhecer marcas desse entrecruzamento de vozes e não é possível realizar sua análise em um discurso; iii) O dialogismo e a psicanálise permitem perceber a exterioridade como constitutiva do discurso; iv) A heterogeneidade mostrada possui marcas detectáveis em uma análise; v) O sujeito e o discurso caracterizam-se por serem heterogêneos.

Quando Authier-Revuz propõe as heterogeneidades, ela remete à enunciação e esta configura-se como uma atitude do sujeito em relação ao seu enunciado. Pensando nisso, reportamo-nos mais uma vez ao conceito bakhtiniano de dialogismo e nos vemos conduzidos a lembrar também que as palavras só têm sentido na interação. Desta feita, cabe ressaltar que os discursos são formas de interação verbal, o que coloca o sujeito, portanto, como social, pois ele inscreve-se na interlocução com outro sujeito, por meio da língua, e, em seu discurso, ele deixa escapar as marcas do *outro*, através das formas de heterogeneidade mostrada.

Dessa forma, o enunciador inscreve o *outro* em seu discurso. O sujeito-enunciador, então, aponta que aquele dizer não é seu, por meio das marcas características da heterogeneidade mostrada. No entanto, ele se engana ao pensar que atribuindo um

determinado dizer a alguém, o restante do discurso lhe pertence. Isso ocorre porque o sujeito-enunciador tem a ilusão discursiva de ser a fonte do sentido e também de ter domínio daquilo que diz, de ser senhor absoluto sobre tudo aquilo que enuncia.

Assim, vê-se que o sujeito do discurso é interpelado, mas acredita que é livre e que faz escolhas conscientes com relação às palavras de seu discurso. Ele produz seu discurso afetado por ambas ilusões: ser origem do dito e controlar os sentidos de seu dizer.

Percebemos, após esse estudo, que Jacqueline Authier-Revuz faz um trabalho bastante exaustivo de análise de como as significações podem emergir no interior das enunciações.

Seu trabalho, apesar de inscrever-se no campo da Linguística, é reconhecido pelos analistas do discurso, inclusive por Michel Pêcheux, por acreditarem que não existe um discurso puro. O que existe é uma tomada de posição do sujeito enunciador, que é heterogênea, no sentido de ser atravessada por discursos outros.

Pêcheux, na terceira fase da AD, coloca o acontecimento como centro de suas discussões e recorre à Authier-Revuz para justificar a construção teórica que propõe. Desta forma, a teoria das heterogeneidades constitui-se como uma ferramenta que o ajudou a formular suas concepções teóricas. Para ele, as palavras e os enunciados se transformam pelo atravessamento do processo interdiscursivo (exterioridade). Assim, os vários planos de significação das palavras vão determinar a construção do sentido e os efeitos que esse sentido vai construir.

Contudo, há de destacar que Authier-Revuz traz uma contribuição semântico-linguística para a AD, pois conforme Brait,

Authier-Revuz se coloca como lingüista e não como analista do discurso; o que faz com que ela permaneça no nível lingüístico, na materialidade lingüística, no que a autora chama de “fio do discurso”, e que pode ser entendido como enunciado não no sentido da frase modelo, mais do ato de enunciação (BRAIT, 2001, p. 09. Grifos da autora).

A linguista francesa nos legou um aporte teórico-metodológico para uma escrutinação da superfície linguística. Uma ferramenta conceptual-enunciativa que nos permite apreender marcas do primado do outro nos *corpora* de análise; traços interdiscursivos no plano linguístico. Porém, mais que as vozes enunciativas marcadas e/ou não-marcadas no fio do discurso, ou seja, o intradiscurso, a AD procura analisar os efeitos que decorrem dessas (de)marcações e por isso, a teoria revuziana por si e em si mesma não ser um primado teórico da Análise do Discurso, mas um aporte de ordem metodológico-conceptual para o encetamento de práticas analíticas que partem do nível linguístico para o nível discursivo, em busca da construção de olhares-leitores, como sugere Pêcheux (1984), dos modos como sujeitos e sentidos se (des)constroem na opacidade e dinamicidade dos movimentos discursivos da linguagem. Um aporte muito pertinente e caro aos analistas do discurso que lhes permitiram vislumbrar enunciativo-linguisticamente o funcionamento do outro e apreender marcas interdiscursivas na superfície das materialidades linguísticas, para a instauração de uma percepção de ordem discursiva dos acontecimentos languageiros, produzindo efeitos por e para sujeitos.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing how the enunciate heterogeneity, proposed by the linguist Jacqueline Authier-Revuz, has become an important theoretical and methodological contribution to the episteme of French discourse analysis (DA), in the manner we conceive it nowadays. We intend to understand how DA has taken those revuzian concepts, analyzing them, discursiving them and redefining them by its theoretical assumptions, in order to construct a discourse theory that recognizes the presence of the Other/other in the discourse and the diversity of voices that cross subjects' utterances.

Keywords: Discourse Analysis; Enunciate Heterogeneity; Interdiscourse; Jacqueline Authier-Revuz; Michel Pêcheux.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19. Campinas, IEL. 1990.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.

BRAIT, B. (Org). *Estudos enunciativos no Brasil*. São Paulo: Pontes, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes/UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. *L'Inquiétude du discours*. Paris: Cendres, 1990, pp. 245-260.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993a. pp. 61-161.

_____. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993b. pp. 311-318.

_____. “Sur les contextes épistémologiques de l’analyse de discours”. *Mots*, nº 9. 1984. p. 9-17.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

RECEBIDO EM 04/04/10 – APROVADO EM 07/07/10